

O JORNAL

DO RIO DE JANEIRO

ANO XLVI
N.º 13.230
DOMINGO, 20 de setembro, 1964

Líder dos Associados

Leitor,

Com Kruchev estarecendo o mundo com suas declarações de que pode destruí-lo à base de uma arma secreta, Gensel desmentindo sevicias em presos políticos, a Correição comprovando o bom tratamento aos que estão no Raul Soares, o exilado angolano apontado "de visu" o seu espancador, o presidente preocupando-se com a paralisação das exportações de café e o Rio perdendo um de seus filhos mais dilectos, o muito querido Alvinho, passou a semana que foi também da árvore. Para comemorá-la, houve plantio de mudas nas escolas primárias, exibição de filmes e programas de televisão tendentes a despertar o interesse da criança. Numa terra em que pouco ou nada se respeitam as reservas florestais, é

importante desenvolver uma mentalidade nova, coisa que uma única semana por ano embora tratando o assunto "por atacado" não pode atingir a não ser com poucos resultados. Enfim, neste como em outros casos que permanecem a meio, fica valendo a intenção.

Chegou Senghor, dando oportunidade aos brasileiros de conhecer o Senegal que já foi África Ocidental Francesa e que hoje, entre as mais jovens nações do mundo, caracteriza-se pelo seu desejo de saber e de afirmação.

Uma brasileira é incluída na Enciclopédia Britânica, onde só figuram personalidades de grande destaque internacional. Trata-se da campeoníssima Maria Ester Bueno que com pouco mais de vinte anos, conquistou em Fo-

rest Hills, o título de bicampeã dos Estados Unidos. Este ano, de outro para ela em que venceu também o Campeonato de Wimbledon, lhe valerá sem dúvida, a admiração de seus patriotas que a descobrirão e passarão a ocupar-se dela, com a atenção que têm, digamos por um Garrincha, por um Didi ou um Djalma Santos. E já que fomos cair no terreno dos esportes, lembremos a propósito do jogo de hoje o que disse há muitos anos um conhecido torcedor: "Botafoguense sofre mais que mãe solteira". O que não se aplica, aos que, como nós, torcem pelo Mengo, mesmo numa temporada de pelada, como esta...

W. M.

Itinerário da infância

Será inaugurada dia 28 próximo numa galeria de arte uma exposição que será, ao que tudo indica, a primeira no gênero, no Brasil. Trata-se de "Itinerário da Infância", uma coleção da fotografia artística de um jovem fotógrafo brasileiro — Alécio de Andrade — que muitos consideram uma das maiores promessas, em matéria de fotografia, inclusive num plano internacional. Para realizá-la, Alécio de Andrade trabalhou um ano e meio, e obteve várias centenas de fotos, das quais a exposição — pouco mais de cem — representará o essencial.

"Comecei a trabalhar com uma máquina que nem era minha, uma "Leica" emprestada de um amigo. Fotografava principalmente nos fins de semana. Com o passar do tempo adquiri minha própria máquina, uma "Asahi-Pentax", e fui apressando o ritmo", declara Alécio à nossa reportagem. Acrescenta que desde o momento que tomou a resolução de se dedicar à fotografia artística (folheando um álbum de Cartier-Bresson, que diz, desvendou-lhe as possibilidades no uso de uma câmera) trabalha nesta coleção, que deverá constituir a primeira parte de uma trilogia das idades do homem a infância, a adolescência e a maturidade. "Desde que comecei tive algumas ofertas de trabalho profissional, fora deste tema, bastante interessantes, mas tive que recusar". Para ele, o ter pego na câmera estava ligado ao traba-



lho a realizar, e qualquer outro assunto desvirtuaria a idéia.

"Quando comecei, ainda não sabia muito bem como abordar o problema", diz. As soluções foram aparecendo durante os meses a fio, em que procurou, no frio ou no calor, com sol ou chuva, pegar momentos significativos da infância, nos parques públicos, na rua ou nos jardins de infância. "Com o tempo co-

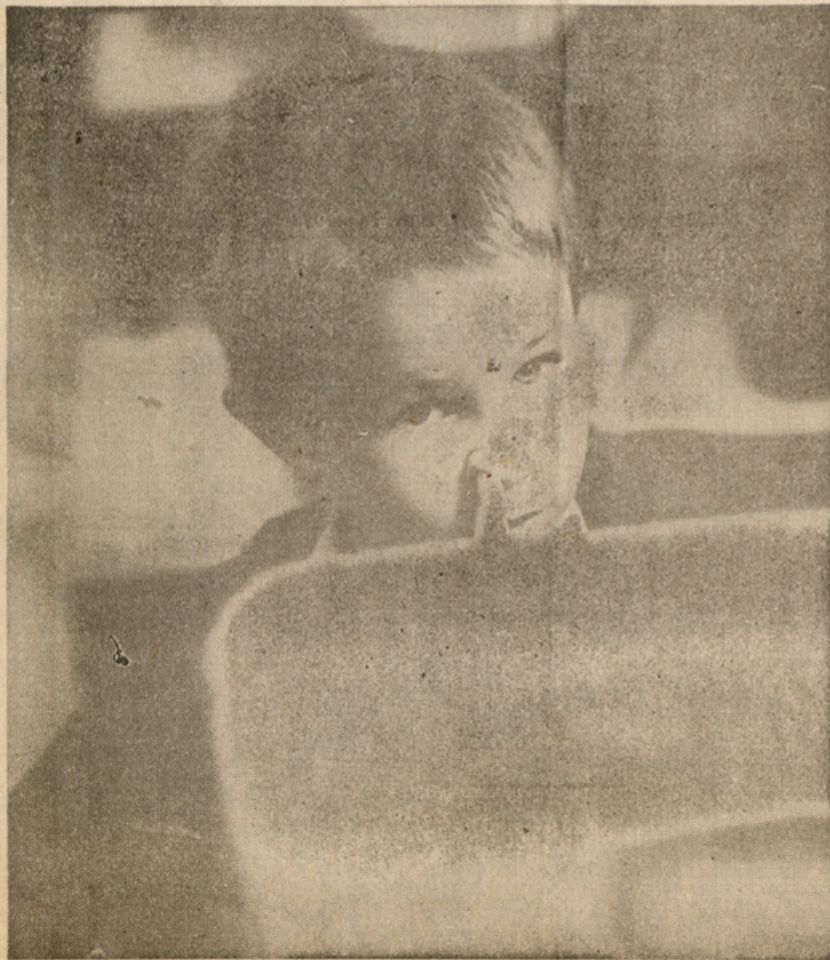
mecei a entrar na dinâmica da criança. Em certos casos usei teleobjetiva, mas descobri que em geral a criança não cria nenhum obstáculo à fotografia, a não ser o da curiosidade em relação ao que o fotógrafo está fazendo, ou um ou outro caso de criança mais tímida". Este contato diário lhe deu uma experiência interessante do mundo da criança.

"O que mais me espantou

foi a tristeza da criança. A criança é geralmente muito mais triste do que se pensa, porque tem a tristeza virgem, em estado puro. E pelo mesmo motivo, pode ser muito mais alegre do que o adulto. Outra coisa em que me fixei muito foi a criança como coisa plástica, o movimento que ela possibilita na fotografia. Na verdade, existem dois movimentos principais: o movimento interno do objeto e o seu movimento plástico. O movimento interno é o núcleo da coisa, a síntese do movimento fixado. O outro, pelo contrário, se passa no exterior". A partir desses movimentos surgiram para a câmera as diversas criações, como o espanto, a timidez, a vontade, uma criança em contato com a natureza, a criança e a luz, a criança com as flores e o campo, e "o que eu poderia chamar o movimento da criança no sentido de alcançar a natureza. É o primeiro deslumbramento da criança, e a virgindade fabulosa com que ela consegue abraçar as coisas". No "Itinerário da Infância" surgiram os diversos momentos em que se subdividem as fotografias apresentadas: o deslumbramento, a solidão, o movimento, a tristeza, a alegria, as caretas. "Há crianças que em face à objetiva fazem uma espécie de teatro espontâneo", diz Alécio.

Junto com este descobrimento houve nele uma evolução técnica. Esta evolução consistiu numa espécie de depuração dos meios empregados. "A medida que ia progredindo, fui deixando de lado todos os artifícios técnicos, assim como os filtros, para me fixar exclusivamente na imagem. Mesmo a teleobjetiva que usei é de tamanho reduzido e de oitenta milímetros".

A coleção foi apresentada ao Itamarati, que tomou a iniciativa de transformá-la numa exposição fotográfica. O sr. José Luiz Magalhães Lins apoiou e incentivou Alécio na exposição da Petite Galerie que deverá servir de prévia, no Brasil, para outras exposições, do mesmo material, promovidas em diversos países estrangeiros, pelo Itamarati, a começar, por Portugal (Lisboa).



A

SAUDAÇÃO DA INFÂNCIA

Esta e outras fotos assim, refletindo a ternura da infância, poderão ser vistas, a partir de amanhã, numa exposição de Alécio de Andrade, cujos detalhes es-

tão na última página. Juntando a sua poesia à poesia da infância, Drummond abre a exposição com estes versos para a garotinha do velocípede.

Olha, descobre este segredo: uma coisa são duas — ela mesma e sua
[imagem

Repara mais ainda. Uma coisa são inúmeras coisas.

Sua imagem contém infinidade de imagens em estado de sonho,
[germinando no espaço e na luz.

E as criaturas são também assim, múltiplas de si mesmas.

A variedade de imagens revela o mundo que nasce a cada instante em
[que o contemplas: formas, ritmos, ângulos, expressões, impressões,
[fragmentos, síntese

A imagem é um ser vivo, como os demais seres. E quer penetrar em
[teu espírito, habitá-lo como hóspede afetuoso.

Se a recolheres com toda a pureza da vista e completa simpatia da mente,
[ela te enriquecerá.

Estas imagens vão mais longe do que os meios intersiderais de
[comunicação. Insinuem-se na profunda região da vida.

Conversam daquele assunto que carregas contigo como baú nostálgico.

O baú abre-se, e tua infância te saúda, com inocência de fonte.

Não pode haver melhor uso da fotografia do que este de alimentar-nos
[da porção perdida de nossa alma.

Uma arte vinculada com a mais fugitiva e perene das realidades poéticas,
[eis o dom sublime de Alécio de Andrade.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



JORNAL DO BRASIL
Domingo, 27 de setembro de 1964

A infância de Ipanema no itinerário de Alécio

NEWTON CARLOS

Amanhã se inaugura, na Petite Galerie, a exposição de fotografia de Alécio de Andrade. São fotos de crianças, feitas quase todas em Ipanema. Nas praças Nossa Senhora da Paz e General Osório, mais exatamente.

Já circula pelo mundo um produto humano que leva a marca de Ipanema e a nostalgia do Zepelin e do Jangadeiro, bares de chope e de encontro de uma geração, cujo estado de espírito já passou de carioca, pois Ipanema não se assenta nos mapas turísticos, mas no espírito de um punhado de gente. Embora morador do Leblon, Alécio é Ipanema e Zepelin.

Através da fotografia, Alécio de Andrade nos diz quem será Ipanema daqui a alguns anos. Por intermédio da Divisão Cultural do Itamarati, essas fotografias correrão mundo, a começar por Lisboa, o o que mostra que Ipanema já tem sua diplomacia. A exposição na Petite Galerie contou com o apoio decidido de José Luis

de Magalhães Lins, o que mostra que Ipanema já não passa despercebida aos nossos banqueiros mais sagazes.

Alécio também irá, em breve. Paris é sua meta. "Confesso, diz ele, que a saudade será dos amigos e de Ipanema." Para onde ele voltará, certamente.

Prêmio de Poesia em 1960 (1.ª Semana de Arte Contemporânea da PUC) e agora bolsista do Governo francês, Alécio de Andrade não se dispõe a repetir chavões sobre como chegou à fotografia. Prefere falar pela sua poesia:

*Uma imagem é uma imagem e talvez uma
[imagem*

*Sua palavra ligeira me soa sempre à dis-
[tância e um pouco vaga e o que nela
[reside é também distância, é também*

[tristeza, é também infância

Sobre ele, disse Marques Rebelo: "Alécio de Andrade é jovem e inquieto — inquietude do seu tempo difícil, desorienta-

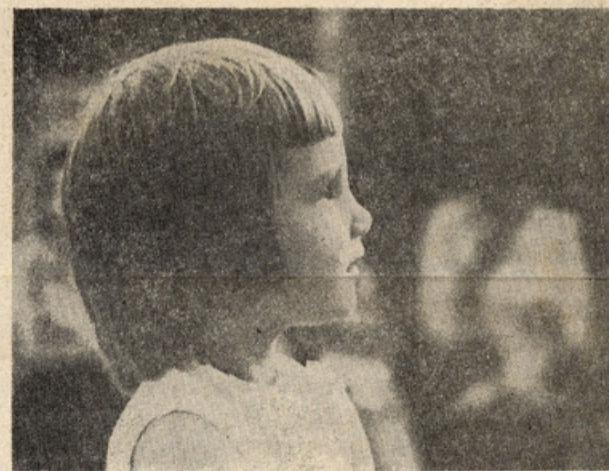
dor, contraditório e perturbante, cheio de agonias e derrotas. Buscando o campo salvador para a sua explicação, motivação e afirmativa, andou pela música, pela poesia, pela ficção, embebedou-se na solidão que as multidões trazem no seu bôjo largo e gritante, acabou musical e poeticamente na fotografia, onde a vida se mostrou afinal na plenitude que aspirava. Seus olhos, ainda com reflexos de infantil pureza e encanto, tocados duma suave miopia que a exata objetiva corrige e ordena, encontraram na infância das praias, dos parques, dos colégios e das calçadas o seu caminho emotivo, passional e absorvente, neutralizador de angústia, e dela nos tem dado, com doce impressionabilidade e com a mobilidade do seu ser ansioso de beleza e verdade, alguns momentos estáticos, encantados, despercebidos aos olhos comuns, momentos efêmeros e eternos."

E Roberto Alvim Correia: "Um anjo da noite acompanha Alécio de Andrade, poeta

da fotografia. A fotografia, particularmente em preto e branco, é uma arte noturna e até onírica. Anima, como os sonhos, o que foi, e, por ela, da sombra nasce a luz. Da sombra que, por vezes, estava em nós. O que significa também, que, pelo menos nas mãos de nosso poeta, a câmara nos mostra aquilo que fomos inconscientemente carregando, aquilo que não sabíamos ter visto, mas que de repente, impõe-se com força à nossa atenção. Num fragmento de segundo, a objetiva captou aquilo que uma criatura talvez tenha de eterno e, com certeza, faz que seja o que é; captou o que era secreto, oculto; e o revela."

Finalmente, digo eu, como muitos de seus amigos:

"Ipanema e crianças estão na fotografia de Alécio assim como Ipanema e crianças estão no próprio Alécio."



Na Petite Galerie um rapaz com cara de menino abriu uma exposição de fotografias. Aconselho meu leitor, se é que existe, a ir espia-las. O rapaz chama-se Alécio de Andrade e não é meu parente; numerosos como as gotas d'água no oceano são os Andrades na terra, porém não revestem esse ar de família fechada e única, próprio das gotas. Portanto não estou fazendo promoção de nenhum tio ou sobrinho. Acontece que vale mesmo a pena ver as fotos de Alécio. Se você não sair de lá com uma big ternura pela vida, então meu caro, desista de considerar-se gente; o provável é que você seja apenas um objeto falante, e mesmo isso...

A exposição chama-se "Itinerário da infância" e leva-nos de passeio pelas fisionomias e pelos gestos das crianças: as que vemos todo dia, nos parques de recreio, nas praças, mas vistas outra vez e com olhos mais demorados e compreensivos por Alécio (não tivesse êle cara de menino!)

Imagens diferentes

Alécio & criança

C. D. A.

Não com essa melosidade com que se costuma olhar para os garotos quando se trata de nossos filhos ou dos filhos de nossos amigos, desde que não nos lambuzem a calça. Melosidade que apenas disfarça a vaidade da autoria ou exprime a nossa lisonja, no fundo indiferente. Esta não é a maneira correta de ver a criança. Se quisermos penetrar um pouco no segredo infantil através do semblante e captar essa imagem fugitiva, há de ser com um misto de carinhosa paciência e ardilosa simpatia. A experiência de Alécio foi além: atingiu o momento em que as crianças se revelam sem medo, naturalmente, apenas curiosas pelo que o fotógrafo está fazendo. E nesse encontro com o refochado mistério que se torna simples, acessível, está a preciosidade

destas imagens em que a poesia não é elemento externo, ajuntado, mas a própria essência da coisa. Daí a felicidade que nos transmite. Ó descoberta, ó reencontro de nós mesmos!

Tentei dizer de minha emoção em algumas palavras oferecidas a Alécio e que aqui reproduzo:

"Olha, descobre este segredo: uma coisa são duas — ela mesma e sua imagem.

Repara mais ainda. Uma coisa são inúmeras coisas. Sua imagem contém infinidade de imagens em estado de sonho, germinando no espaço e na luz.

E as criaturas são também assim, múltiplas de si mesmas.

A variedade de imagens revela o mundo que nasce a cada instante em que o contemplos: formas, ritmos,

ângulos, expressões, impressões, fragmentos, síntese.

A imagem é um ser vivo, com os demais seres. E quer penetrar em teu espírito, habitá-lo como hóspede afetivo.

Se a recolheres com toda a pureza da vista e completa simpatia da mente, ela te enriquecerá.

Estas imagens vão mais longe do que os meios intersiderais de comunicação. Insinuam-se na profunda região da vida.

Conversam daquele assunto que carrega contigo como baú nostálgico.

O baú abre-se, e tua infância te saúda, com inocência de fonte.

Não pode haver melhor uso da fotografia do que este de alimentar-nos da porção perdida de nossa alma.

Uma arte vinculada com a mais fugitiva e perene das realidades poéticas, eis o dom sublime de Alécio de Andrade."

Augusto Rodrigues
24
10/1964

ALÉCIO ANDRADE VÊ E FOTOGRAFA A INFÂNCIA



ALÉCIO ANDRADE, jovem fotógrafo brasileiro, está expondo desde 2.^a-feira, na Petite Galerie, uma série de fotografias reproduzindo atitudes de crianças nas atividades mais diversas. São flagrantes onde a beleza da infância está fixada, e não os tradicionais retratos de atitudes forçadas — que são a negação da própria infância. São crianças em movimento em seus sonhos e devaneios. São crianças brincando na natureza — nos jardins ou nos seus momentos mais felizes, que são aqueles em que suas almas se comprazem nas alegrias do ato criador. Essa exposição seguirá, após sua

exibição na Petite Galerie, para o exterior, sob o patrocínio da Divisão Cultural do Itamarati e do Banco Soto Maior. No catálogo de apresentação

TEXTO DE
Augusto Rodrigues

da Petite Galerie. Roberto Alvim Correia escreve o seguinte sobre o artista:
"Um anjo da noite acompanha Alécio de Andrade, poeta da fotogra-

fia. A fotografia, particularmente em preto e branco, é uma arte noturna e até onírica. Anima, como os sonhos, o que foi, e, por ela, da sombra nasce a luz. Da sombra que, por vezes, estava em nós. O que significa também que pelo menos nas mãos de nosso poeta, a câmara nos mostra aquilo que iamso inconscientemente carregando, aquilo que não sabemos ter visto, mas que, de repente, impõe-se com força à nossa atenção. Num fragmento de segundo, a objetiva captou aquilo que uma criatura talvez tenha de eterno e, com certeza, faz que seja o que é; captou o que era secreto, oculto; e o revela".

